



## **Humanismo histórico: estudo de sua evolução para chegar à felicidade e realização**

**Andreia Ferreira Gomes Cervo<sup>1</sup>**

**Resumo:** A questão norteadora deste estudo é sobre o ser humano e sua busca pela felicidade; poderemos ser felizes sem ser realizados? A busca teórica teve como base as falas de alguns filósofos e suas contribuições a difusão do pensamento Humanista. Ressaltou-se o conceito de felicidade, também extraídas das obras do Prof. Antonio Meneghetti. Este trabalho teve como objetivo final, auxiliar na compreensão pessoal da autora e demais leitores, sobre as perspectivas de felicidade na sociedade atual.

**Palavras-chave:** felicidade; realização; ontopsicologia.

### **Historical humanism: a study of its evolution to get to happiness and fulfillment**

**Abstract:** The main question of this study is on the human being and their pursuit of happiness; we can be happy without being made? The theoretical search was based on the statements of some philosophers and their contributions to diffusion of humanist thought. Emphasis was placed on the concept of happiness, also drawn from the works of Prof. Antonio Meneghetti. This work has the ultimate goal, assist with personal understanding of the author and other readers, about the happiness prospects in today's society.

**Keywords:** happiness; realization; ontopsychology.

---

<sup>1</sup> [amagomes@terra.com.br](mailto:amagomes@terra.com.br)

## 1 Introdução

Vivenciar a felicidade é um desejo comum a todos os seres humanos, em todas as épocas da história e até hoje, sendo que cada um escolhe o meio de vida que interpreta como sendo o mais adequado para alcançá-la.

O mundo é identificado como sendo difícil de viver, onde vem crescendo o desejo pelos aspectos de um desapego nas relações interpessoais, tendo nessa relação o individualismo exagerado e do consumismo e um desinteresse pelos fenômenos sociais, o que demarcam as subjetividades em uma realidade do consumo. Estas subjetividades, reeducadas pela velocidade das mudanças e a sobrecarga de informações do mundo pós-moderno, apresentam uma instabilidade dos desejos e uma insegurança que influem em uma busca, a um consumo constante, como forma de sustentação que lhe oferte a tão sonhada felicidade.

A felicidade neste contexto torna-se um dever, onde diversos objetos são tomados como possibilidade para alcançá-la, perpetuando um ideal ilusório de completude numa felicidade mascarada, ou seja, ilusória, forjada em uma ideia de pronta e infinita, valores como o amor, fé e amizade. Frente a tantos novos ideais, diversos tipos de objetos são ofertados como sendo aqueles que proporcionarão a felicidade para a atual sociedade consumista, sendo estes objetos um meio transitório de minimizar o desprazer e o sentimento de carência.

O prazer é, sem dúvida, acreditada como sendo a essência básica da felicidade advinda da realização de desejos e da alegria experimentada. Contudo, nem sempre quando um sujeito experimenta prazer, através de algum objeto que investiu, sente um bem-estar, podendo esse sucesso ser algo penoso, porém mantido para que assim esse sujeito possa estar inscrito socialmente e consumindo o que os demais consomem.

Pesquisar a temática da felicidade sob o olhar da realização pautando na Ontopsicologia irá além de um estudo em eu mesma e de correlacionar às maneiras e motivos pelos quais a felicidade é buscada atualmente pelos seres humanos, as pessoas com base em algumas ideias desenvolvidas pelo professor Antonio Meneghetti que provocou e me levou a reflexão sobre o que pode existir como fragilidade nas perspectivas atuais de felicidade, considerando a atitude de consumismo, *stress*, angústia desmotivação, ansiedade, entre outros.

Metodologicamente, esta pesquisa classifica-se como sendo bibliográfica em sua primeira parte, ocorrendo através de leitura e análise de obras científicas (livros, artigos

e revistas), utilizou e irá se aprofundar ainda mais, sustentando-se como base a felicidade, posta em questão, nesse primeiro momento usamos como apoio alguns filósofos como Tales de Mileto; Demócrito de Abdera; Sócrates; Antístenes; Platão; Aristóteles; Epicuro; Agostinho de Hipona; Tomás de Aquino; John Locke; Immanuel Kant, e da filosofia, com obras que abordam algumas perspectivas filosóficas sobre a felicidade e qual a sua diferença quanto a realização.

A fim de melhor explicar a temática proposta, este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo desenvolve-se um breve trecho o que é Humanismo e quando surgiu.

No segundo capítulo é abordado o que diz os grandes Filósofos sobre Felicidade/Realização no tema da felicidade, partindo da visão desses filósofos, que descreveram suas interpretações sobre o que consideravam como meio adequado de se vivenciar a felicidade.

Já no terceiro capítulo retrata-se a conceituação da palavra felicidade utilizando-se de algumas ideias do que possa ser essa tão sonhada felicidade ou como eu mais gosto de simplificar e o que resume todo esse trabalho a realização em todo contexto na vida do ser. Por fim, explana-se sobre o mundo pós-moderno, descrevendo a forma como nossa atual sociedade está estruturada propondo-nos a uma reflexão na perspectiva analítica sobre a forma consumista como a felicidade é vivenciada atualmente e como foco principal se podemos ou não a ser uma pessoa realizada no contexto que se vive.

No entanto, a temática da felicidade/realização, transformada em objeto de desejo dessa pesquisa, seguindo por diversas perspectivas socioculturais de um senso comum. Com relação à Ontopsicologia, ciência que me motivou para a realização dessa pesquisa, sua tarefa vai ser a de auxiliar em questões mais profundas da pesquisa, considerarei e o que vai ser mais relevante que, é entender como funciona a dinâmica da felicidade atualmente ou sua realização; e o que consiste essa felicidade e as possibilidades de alcançá-la; como ela é experienciada e se o que se denomina bem-estar é sinônimo de ser feliz; além de cultivar a invenção de novas saídas que possibilitem às pessoas serem felizes e realizadas mesmo com grandes adversidades ou contra tempo que possa assim dizer, questões que talvez após a pesquisa poderemos responder.

Espera-se que este trabalho de análise e pesquisa deste tipo possa não apenas esclarecer sobre o tema em questão, mas provocar novos questionamentos a fim de que

se ampliem o interesse dos leitores e sujeitos implicados com essa inquietude, que é a busca pela felicidade/realização.

### **O que é Humanismo e quando surgiu**

Humanismo, no sentido amplo, significa valorizar o ser humano e a condição humana acima de tudo. Está relacionado com generosidade, compaixão e preocupação em valorizar os atributos e realizações humanas.

O Humanismo surgiu em pleno Renascimento, na cidade de Florença, na Itália, exatamente no final do século XIV, com o Renascimento e difundido pela Europa, rompendo com a forte influência da Igreja e do pensamento religioso da Idade Média. O teocentrismo (Deus como centro de tudo) cede lugar ao antropocentrismo, passando o homem a ser o centro de interesse. O humanismo procura o melhor nos seres humanos e para os seres humanos sem se servir da religião.

Agora o Homem é dotado da liberdade de escolha e assim é livre para construir seu porvir. As sensações são subjugadas pela Razão e o mundo é visto objetivamente, não mais em sua versão imaginária.

A filosofia humanista oferecia novas formas de reflexão sobre as artes, às ciências e a política, revolucionando o campo cultural e marcando a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna.

Entre as principais características do humanismo destacam-se o período de transição entre Idade Média e Renascimento onde se falavam da valorização do ser humano do surgimento da burguesia, do nascimento do antropocentrismo, ou seja, o homem no centro do universo, as emoções humanas começaram a ser mais valorizadas pelos artistas<sup>2</sup>.

### **O que diz os grandes filósofos sobre felicidade/realização**

Se perguntássemos para várias pessoas o que elas entendem por felicidade e realização cada uma iria responder com uma resposta própria, pois a felicidade/realização, é algo individual, pessoal e intransferível. Por outro lado, há uma ideia do que pertence ao senso comum que é compartilhada pela maioria das pessoas; é ter saúde, amor, dinheiro entre outros. Além disso, a ideia de felicidade/realização não é uma coisa recente. Ela acompanha o ser humano há muito tempo e faz parte da história.

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.significados.com.br/humanismo/>

Para melhor compreendermos essa parte da vida do humano, vamos verificar o que diz os grandes filósofos sobre a felicidade, a grande evolução histórica dessa ideia sobre felicidade/realização.

A referência filosófica mais antiga que encontramos sobre o tema é um pequeno fragmento de um texto de Tales de Mileto, que viveu entre as últimas décadas do século 7 a.C. Segundo ele, é feliz “quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada<sup>3</sup>”.

Em grego, felicidade se diz “eudaimonia”, palavra que é composta do prefixo “eu”, que significa “bom”, e de “daimon”, “demônio”, que, para os gregos, é uma espécie de semi-deus ou de gênio, que acompanhava os seres humanos. Ser feliz era dispor de um “bom demônio”, o que estava relacionado à sorte de cada um. Quem tivesse um “mau demônio” era fatalmente infeliz.

Entre os século 10 a.C. o pensamento grego considerava os demônios mais sucessivo e apresentavam uma visão pessimista da existência humana. Não é por acaso que os gregos inventaram a tragédia. Uma demonstração desse pessimismo nos é fornecido por um velho provérbio grego, segundo o qual “a melhor de todas as coisas é não nascer<sup>4</sup>”.

Foi através da filosofia que rompeu essa visão pessimista e procurou formar orientações para que o homem procurasse a felicidade. Demócrito de Abdera (aprox. 460 a.C./370 a.C.<sup>5</sup>) julgava que a felicidade era “a medida do prazer e a proporção da vida”. Para atingi-la, o homem precisava deixar de lado as ilusões e os desejos e alcançar a serenidade.

Sócrates (469 a.C./399 a.C.) deu um novo rumo à compreensão do conceito de felicidade, postulando que ela não se relacionava apenas à satisfação dos desejos e necessidades do corpo, pois, para ele, o homem não era só o corpo, mas, principalmente, a alma. Assim, a felicidade era o bem da alma que só podia ser atingido por meio de uma conduta virtuosa e justa<sup>6</sup>. Para Sócrates, sofrer uma injustiça era melhor do que praticá-la e, por isso, certo de estar sendo justo, não se intimidou nem diante da condenação à morte pelo tribunal ateniense. Cercado pelos seus discípulos bebeu a taça de veneno (cicuta) que lhe foi imposto e parecia feliz diante de todos os que o assistiram em seus últimos momentos.

---

<sup>3</sup> <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Tales-De-Mileto/288185.html>

<sup>4</sup> <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-e-felicidade>

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

Entre os discípulos de Sócrates tinha Antístenes (445 a.C./365 a.C.) que acrescentou um toque pessoal à ideia de felicidade de seu mestre, considerando que o homem feliz é o homem autossuficiente. A ideia de autossuficiência (que, em grego, se diz “autarquia”,) continuará diretamente vinculada à de felicidade nos setecentos anos seguintes<sup>7</sup>.

Quem efetivamente levou a especulação filosófica adiante de onde a deixara seu mestre Sócrates, foi Platão (348 a.C./347 a.C.), no qual considerava que todas as coisas têm sua função. Assim, como a função do olho é ver e a do ouvido, ouvir, a função da alma é ser virtuosa e justa, de modo que, exercendo a virtude e a justiça, ela obtêm a felicidade.

Platão era considerado por boa parte dos estudiosos o primeiro grande filósofo ocidental, juntamente com seu mestre, Sócrates – foi um dos principais pensadores gregos a se lançar contra essa instabilidade, em busca de uma felicidade estável, postura que caracterizará de forma marcante a ética eudemonista<sup>8</sup> grega.

No entendimento de Platão, o mundo material é aquele que percebemos pelos cinco sentidos é enganoso. Nele tudo é instável e por meio dele não pode haver felicidade. Por isso, para esse ele, o caminho da felicidade é o do abandono das ilusões dos sentidos em direção ao mundo das idéias, até alcançar o conhecimento supremo da realidade, correspondente à idéia do bem. Observemos como ele chegou a essa conclusão.

A vida feliz de uma pessoa dependeria da devida sujeição e harmonia entre essas três almas. A alma racional regularia a irascível, e esta controlaria a concupiscente, sempre com a supervisão da parte racional. Há, portanto, uma primazia da parte racional sobre as demais.

Para sustentar essa teoria Platão propunha duas práticas:

Ginástica que com a atividade física por meio da qual a pessoa dominaria as inclinações negativas do corpo; e com o Dialético método de dialogar (praticado por Sócrates) pelo qual se ascenderia progressivamente do mundo sensível (que ele considerava verdadeiro), onde se encontram as ideias perfeitas (que correspondem ao máximo grau de conhecimento e à realidade verdadeira).

---

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Eudemonista: relativo à felicidade, ou que tem a felicidade como valor fundamental ou principal objetivo

Por meio dessas práticas especialmente da dialética - a alma humana penetraria o mundo inteligível<sup>9</sup>, conhecido com mundo das ideias, e se elevaria sucessivamente mediante a contemplação das ideias perfeitas, até atingir a ideia suprema, que é a ideia do bem.

Essa supremacia deve-se a que, para Platão, o bem é a causa de todas as coisas justas e belas que existem, incluindo as outras ideias perfeitas, como justiça, beleza coragem. Sem o bem não há nenhuma delas, inclusive a ideia perfeita de felicidade.

Em síntese, podemos dizer que, para Platão, a felicidade é o resultado final de uma vida dedicada a um conhecimento crescente até se atingir a ideia do bem, o que poderia ser sintetizado no seguinte resulta do conhecimento= bondade = felicidade. As três coisas, quando ocorrem em máxima expressão, se andassem sempre juntas.

Além disso, para Platão, a ascensão dialética equivaleria não apenas a uma elevação cognoscitiva isto é, de conhecimento, mas também a uma evolução do ser humano na elevação ontológica, podemos dizer que aquele que alcança o conhecimento verdadeiro que culmina a ideia do bem se torna um ser "melhor" em sua essência e, por isso, vive mais feliz<sup>10</sup>.

A ligação entre ética e política estará ainda mais definida na obra do mais importante discípulo de Platão, Aristóteles (384 a.C./322 a.C.), o qual dedicou o livro à questão da felicidade: a “Ética a Nicômaco” Amigo de Platão, mas, em suas próprias palavras, “mais amigo da verdade”, Aristóteles criticou o idealismo do mestre, reconhecendo à necessidade de elementos básicos, como a boa saúde, a liberdade em vez da escravidão e uma boa situação socioeconômica para alguém ser feliz.

Por outro lado, a partir de uma série de raciocínios que têm como base o fato de o homem ser um animal racional, Aristóteles conclui que a maior virtude de nossa “alma racional” é o exercício do pensamento, pelo quê, segundo ele, a felicidade chega a se identificar com a atividade pensante do filósofo, a qual, inclusive, aproxima o ser humano da divindade.

Entre os filósofos do mundo helênico<sup>11</sup>, pode-se citar Epicuro (341 a.C./271 a.C.), para deixar claro que essa idéia de “apatia” não significa abdicar ao prazer. O prazer era essencial à felicidade para Epicuro, cuja filosofia também é conhecida pelo nome de hedonismo (em grego “hedone” quer dizer “prazer”). Mas ele deixa claro,

---

<sup>9</sup> Inteligível: que só pode ser apreendido pelo intelecto, por oposição ao sensível, isto é, ao que só pode ser apreendido pelos sentidos.

<sup>10</sup> <http://filosofia-naescola.blogspot.com.br/2012/08/conhecimento-e-bondade-platao.html>

<sup>11</sup> <http://www.dicionarioinformal.com.br>

numa carta a um discípulo, que não se refere ao prazer “dos dissolutos e dos crápulas” e sim ao da impassibilidade que liberta de desejos e necessidades.

Na Idade Média, a felicidade desapareceu do horizonte da filosofia, estando ela relacionada à vida do homem neste mundo, ela não interessou aos filósofos cristãos como Agostinho de Hipona (354 d.C./430 d.C ou Tomás de Aquino – 1225/1274), todos santos da Igreja católica. Para a filosofia cristã, mais do que a felicidade, o que conta é a salvação da alma.

Os filósofos voltaram a se debruçar sobre o tema na Idade Moderna. John Locke (1632/1704), na virada dos séculos 17 e 18, identificaram a felicidade com o prazer, um “prazer duradouro”. Alguns décadas depois, o filósofo iluminista Immanuel Kant (1724/1804), na obra “Crítica da razão prática<sup>12</sup>” definiu a felicidade como “a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida, tudo acontece de acordo com o seu desejo e vontade”.

Para Kant, como a felicidade se coloca no âmbito do prazer e do desejo, ela nada tem a ver com a Ética e, portanto, não é um tema que interesse à investigação filosófica. Sua argumentação foi tão convincente que, a partir dele, a felicidade desapareceu da obra das escolas filosóficas que o sucederam.

### **Conceituando a palavra felicidade**

Estabeleceu-se como um ponto inicial para o desenvolvimento deste trabalho, a abertura de um questionamento sobre a felicidade ou a busca pela a sonhada realização e como ela é definida, deparando-se assim com uma complexidade de significações dadas a este sentir, que se diversificam de acordo com aspectos e situações a nível de ser humano.

Em Latim, a palavra *felix* (genitivo *felicis*) queria dizer – originalmente – “fértil”, “frutuoso” (“que dá frutos”), “fecundo”. Mais tarde *felix* tornou-se sinônimo de “afortunado”, “alegre”, “satisfeito”.

Podemos estabelecer como sendo um “estado”, situar a felicidade como uma condição ligada a uma situação vivenciada. Neste sentido, atribui-se a esta condição um efeito prolongado, ou mesmo de plenitude, ou seja, ser feliz é, segundo esta concepção,

---

<sup>12</sup> Fonte Digital: Digitalização da edição em papel, Edições e Publicações Brasil Editora S.A., São Paulo, 1959-2004, [Immanuel Kant](#).



estar completo permanente. A Felicidade neste sentido apontaria para um aspecto divino, em concordância com a filosofia de felicidade perfeita apresentada por Aristóteles.

Ainda com base no significado da palavra felicidade, a satisfação do desejo, também incluída como um aspecto pertinente ao termo, e é sem dúvida o cerne da questão para a visão Ontopsicológica: a satisfação é o alívio da tensão que se apoia em uma necessidade real do sujeito, e lhe confere a sensação de prazer ao ser realizada.

Em conformidade com Meneghetti, toda pessoa tem o potencial necessário para atingir a autorrealização, a qual se mede exclusivamente pela capacidade de ser feliz. Para que seja mais bem compreendida esta visão, propõe-se o mesmo estudo semântico partindo para palavra satisfação, que iniciaremos com o no dicionário<sup>13</sup> é definida como: “ato ou efeito de satisfazer, saciar, agradar; alegria; contentamento; prazer”. Como um ato ou um efeito de satisfazer, pode-se estabelecer que o que está sendo satisfeito pode ser tanto um desejo quanto uma necessidade. Sendo assim, está contente quem se satisfaz. Se a mesma satisfação não leva o sujeito a um contentamento, pode ser que a necessidade satisfeita não chegou ao nível do que era desejado. O desejo que está sentindo aí, então lhe traz um sentimento onde se sente insatisfeito, gera um descontentamento mesmo com a satisfação de uma necessidade.

Se o sujeito está contente com aquilo que realizou, diz-se então que está alegre feliz, ou seja, manifesta contentamento, exultação, embora não seja a felicidade, é sua forma de se expressar. Apesar de haver uma relação entre elas, “a felicidade e a alegria, não são a mesma coisa”: A alegria é uma expressão, uma felicidade cortada, uma parte em relação com o real.

A felicidade em que o sofrimento e a inquietude estão ausentes é imaginariamente buscada pelo ser humano que, movido pelo princípio de prazer, ou seja, experimentar prazer e afastar o desprazer se relaciona ao caminho proposto por outro filósofo, Epicuro, no que ele chamou de aponia e ataraxia, conceituados no próximo capítulo. Contudo, sabe-se que uma vida sem sofrimento algum não existe, pois as adversidades que a natureza, o corpo e as relações interpessoais nos impõem, é as mais diversas, e a inquietude que isto provoca proporcionam aos humanos um movimento em busca de melhoria individual.

---

<sup>13</sup>AULETE, Caldas. Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Rio de Janeiro, Lexikon, 2011.

No livro *“Nova Fronda Virescit, Em busca da Alma”*, há uma passagem que vale apenas citarmos, pois nela o professor Meneghetti nos explica o porquê ocorre o que diz no parágrafo anterior.

“Ocorrem tantas desilusões no curso da vida, em todas as formas de dever, e esta é uma realidade frequente: tantas pessoas, especialmente as mais inteligentes e sensíveis, mesmo tendo passado uma vida exemplar sob todos os tipos de regras ou formas, não encontravam a realização interior, e ninguém sabia o porquê, sobre tudo diante da morte.

A alegria, aquela autêntica, que dá consciência dentro, que produz tranquilidade de ordem (por tanto a paz), é um efeito da própria alma unida ao ser da vida. Pode-se fazer qualquer coisa na existência, o importante é que a própria alma tenha o feeling íntegro com a intencionalidade da vida. A cada momento, a própria consciência, unida ao Em Si ôntico, atua o inteiro do ser. Ou seja, a paz, a felicidade, o valor, a tranquilidade, é dada por esta unidade estável entre a alma e o ser” (MENEGHETTI, 2006, p. 54).

Descreve-se a felicidade como um objeto de desejo humano transformada em um bem material e não na paz interior como diz o Professor Meneghetti, e que pode ser alcançado pela realização de determinados papéis sociais e na vida, mas sempre buscamos muitas vezes é pelo consumo de determinados objetos, uma felicidade perfeita e pautada no prazer, difícil de ser questionada já que se obtém prazer de diversas formas, mas não sendo “a Paz a Felicidade” diz Meneghetti.

A felicidade como o fim último dos atos humanos, partindo da idéia de completude e de onipotência, ou seja, de uma felicidade perfeita e pautada no prazer, pode ser efetivamente estabelecida como base de uma cultura hedonista e consumista, onde o individualismo exagerado e o desapego nas relações interpessoais influem em um desinteresse pelos fenômenos sociais, sendo, portanto, difícil neste contexto alguém se pensar infeliz obtendo prazer de diversas formas.

Podendo ser interpretada como um consenso social, essa felicidade mascarada, ou seja, alcançada por uma representação social, é uma das consequências do mundo pós-moderno, onde a demanda, proposta como base de sustentação social, inclui, através de um objeto material a suplência de um desejo, em um movimento alternando de oferta e procura de objetos investidos de valor subjetivo.

Neste sentido a felicidade correlacionada com o prazer obtido no consumo e na representação social, é algo muito valorizado e propagado no mundo pós-moderno por meio de formas evidentes que se exemplificam pelo consumo de objetos materiais, como também por formas mais sutis que perpassam os discursos de como um sujeito deve comportar-se, vestir-se e agir para ser feliz.

## **Considerações Finais**

A temática felicidade transformou-se em um objeto de consumo para a sociedade, mas não sendo compreendida em sua essência e como podemos ser felizes e realizados nos âmbitos da vida. Esse foi um dos objetivos para desenvolver o tema pela perspectiva da Ontopsicologia e está sendo e continuará sendo um estudo que permitirá correlacionar os modos como a felicidade/realização é buscada no contexto de uma sociedade globalizada e interligada pelas mudanças rápidas alcançadas com ajuda da tecnologia, à medida que forem correlacionadas, se pode com elas analisar alguns pontos que dizem respeito à uma sociedade feliz/realizada e o que seus reflexos poderão beneficiar a todos.

O trabalho em si cultivado permitiu compreender que o mundo nos oferece tantas coisas, mas tantas coisas que nos levam as diversas formas e uma delas é o consumo, o prazer instantâneo, momentâneo e não ao alcance pleno da felicidade, que quando analisamos, focando o papel da sociedade e da cultura, percebemos que tudo isso é externo e não faz parte essencial do ser humano.

Os conceitos de felicidade e bem-estar são, em alguns casos, posições desarmônicas que podem ser interpretadas como uma felicidade mascarada, alcançada por uma representação social estabelecida a partir de uma generalidade, oferecida através de um fluxo ininterrupto de opções, que muitas vezes está relacionado ao outro e não em nós mesmos.

Com base no exposto neste trabalho conseguiu-se alcançar o objetivo de desenvolver uma análise sobre o tema felicidade a realização, evidenciando perspectivas na Ontopsicologia e suas possíveis aplicações.

Sendo assim, conclui-se neste estudo, e com o fomento de demais estudos, que a felicidade obtida pelo caráter transitório tanto do objeto quanto do prazer está é a realização de uma fantasia do sujeito, é algo que acontece, sendo esta a compreensão de felicidade de toda uma sociedade.

Espera-se que o presente trabalho possa, não apenas esclarecer sobre a questão da felicidade e sua verdadeira realização, mas nos provoque novos questionamentos a fim de que se ampliem as pesquisas e interesse dos leitores e sujeitos implicados com essa inquietude, que é a busca pela felicidade e sua realização total em todas as esferas, que muitas vezes dividimos em: “sou feliz, me sinto feliz, estou feliz, me considero feliz”, e sobre a realização, pessoal e profissional, será que podemos fazer essa divisão?

E para finalizar essa primeira parte deste trabalho, queremos citar uma frase do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti (2006), que diz: *rem tene, verba sequentur* - tradução para o português: “mantenha o ponto, o resto vem por si” (*na obra Nova Fronda Virescit Vol. 3, Em Busca da Alma*). Talvez este seja o ponto fundamental que diz respeito à possibilidade da felicidade.

## Referências

- AC, Monografia. **A felicidade e a cultura**. Monografia AC. Disponível em: <<http://www.monografiaac.com.br/psicologia/felicidade-cultura.html>> Acesso em: 23 set. 2015.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Rio de Janeiro, Lexikon, 2011.
- BRAGANÇA, Andressa. **O que é Felicidade?** Filosofando sobre Felicidade. Disponível em: <[www.andmania.com/amese/felicidade02.html](http://www.andmania.com/amese/felicidade02.html)> Acesso em: 01 out. 2015.
- INADA, Jaqueline Feltrin. **Felicidade e mal-estar na civilização**. Revista Digital AdVerbum 6, jan. a jul. de 2011, p. 74-88. Disponível em: <[http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6\\_1/06\\_01\\_06felicidademalestarciviliz.pdf](http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf)> Acesso em: 01 out. 2015.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Edição origina de 1788, com introdução e notas ValerioRohden. 3. ed. São Paulo: Editora WMF, 2011.
- MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit. Em busca da alma**. Vol. 3. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2006.
- MENEGHETTI, Antonio. **O Critério Ético do Humano**. Porto Alegre: Ontopsicológica Editora, 2002.
- MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2012.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2014.
- MENEGHETTI, Antonio. **A Psicologia do Líder**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2008.
- MENEGHETTI, Antonio. **O nascimento do eu**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2003.
- PINTO, Elias Fernandes. A ética aristotélica: o caminho para a felicidade completa. *Revista Filosofia Capital*, Brasília, vol. 5, n. 11, p. 03-12, jul. 2010.